

"Jardim da Agonia"

JORNAL-DE-NOTICIAS

Um novo livro de versos

Não é nome desconhecido — o de Amadeu Santos. A falar de si, do seu valor literario, ha os «Idilios nocturnos», ha a «Balada da Paixão» — esgotadas ambas as obras. Desta vez, Amadeu Santos deu-nos o «Jardim da Agonia» — e de novo assegurou as suas invejaveis qualidades de poeta — de poeta consumado, de nobre e glorioso poeta, em vibração constante, em plena e fecunda actividade creadora.

Não rebusquemos adjectivos bizarros, imagens extravagantes — tão em harmonia com a extravagancia e o bizzarrismo dos modernistas do estilo... a portuguesa.

26-11-1929



AMADEU SANTOS, o poeta do Jardim da Agonia (reprodução do retrato-charge de Cruz Caldas)

Digamos isto apenas, de maneira simples e desataviada: são de uma técnica impecavel e de uma concepção elevada os dezoito sonetos contidos no «Jardim da Agonia», que um melancolico «Auto da tristeza», sete ou oito lindos sonetinhos e uma boa vintena de harmoniosissimas quadras soltas completam cabal e esplendidamente.

Em tempo oportuno faremos as circunstanciadas referencias que nos merece o terceiro livro de Amadeu Santos — mas desde já queremos deixar dito que o «portrait-charge» do poeta, em ante-rostro, é fixado pela mão do mestre Cruz Caldas, que o pequeno volume, de cuidada e elegante fisionomia, saiu das oficinas de Araujo & Sobrinho, Sucessores — das melhores do Porto — e, finalmente, que o prefacio, o inevitavel prefacio, scintilante e exacto de observação subjectiva, é da consagrada autoria de Artur Botelho.